

EDUARDO LOURENÇO

DO COLONIALISMO COMO NOSSO IMPENSADO

ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

ROBERTO VECCHI

gradiva

© Eduardo Lourenço/Gradiva Publicações, S. A.

Organização e prefácio Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi

Revisão de texto Sara Lutas

Fotocomposição Gradiva

Capa, impressão e acabamento Multitipo—Artes Gráficas, L.^{da}

Reservados os direitos para Portugal por Gradiva Publicações, S. A.

Rua Almeida e Sousa, 21-r/c esq.—1399-041 Lisboa

Telef. 21 393 37 60—Fax 21 395 34 71

Dep. comercial Telef. 21 397 40 67/8—Fax 21 397 14 11

geral@gradiva.mail.pt/www.gradiva.pt

1.^a edição Abril de 2014

Depósito legal 373 623/2014

ISBN 978-989-616-575-8

gradiva

Editor GUILHERME VALENTE

Colaboração do Projecto de Catalogação e Inventariação
do Acervo Eduardo Lourenço, apoiado pela Fundação EDP.

Projecto elaborado no âmbito da Cátedra Eduardo Lourenço,
Camões/Universidade de Bolonha.

Visite-nos na internet
www.gradiva.pt

NOTA EDITORIAL

A paixão pelo impensado

Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi

O presente volume reúne textos publicados e inéditos, completos e fragmentários, de Eduardo Lourenço sobre o «problema colonial» português. Compõem um mosaico lúcido e coerente que, peça após peça, foi montado de modo incansável — nem sempre pensado para publicação — no arco de 50 anos e que tem continuado a projectar as suas luzes penetrantes praticamente sobre toda a obra crítica, tornando-se uma permanência no seu pensamento. Numerosas margens desta imensa reflexão eram amplamente conhecidas, em particular depois da eclosão da liberdade pós 25 de Abril, quando algumas partes deste enorme labor, revistas, actualizadas ou refundidas, vieram à luz em volumes como *Situação africana*, ou em artigos como «Mitologia colonialista e realidade colonial». No entanto, aos

organizadores deste livro — que tinham sido convidados para preparar um volume de escritos políticos, no âmbito do projecto das Obras Completas de Eduardo Lourenço e que contaram no seu Acervo com a imensurável e apaixonada investigação, selecção e arrumação de João Nuno Alçada — estava reservada uma surpresa: a genealogia e a seminalidade do tópico, a questão colonial, no horizonte mais vasto do filósofo e pensador.

A presente edição, orientada pelo Professor, através duma lição única de inteligência crítica, humildade, lucidez e rigor, reproduz uma parte substancial dos documentos e fragmentos encontrados ao longo da investigação, sobretudo aqueles que possuem uma autonomia que não exige um aparato crítico; os demais poderão ser tratados apenas no quadro de uma edição científica. Este livro, além de comemorar o evento que o reaviva por inteiro, os 40 anos da Revolução dos Cravos, pretende restituir ao projecto este valor duplo: a genealogia que intersecta a biografia (do autor) e a história (do País e da Europa), mas também a potencialidade que possui para entendermos os futuros posicionamentos teóricos de Eduardo Lourenço perante Portugal, a Europa e os Países de língua portuguesa.

O pensamento de Eduardo Lourenço aqui registado incorpora algumas das imagens fundadoras da sua reflexão sobre o colonialismo português, como a sequência de textos propostos neste livro sugere.

A primeira imagem desta reflexão localiza-se no Brasil — na experiência de um ano de ensino de Filosofia passado na Universidade da Baía, em 1958 —, onde as heranças do império português surgem como uma evidência concreta. É o primeiro contorno da força

histórica da ideia imperial que exige uma reflexão lenta e meditada. Por isso, a nossa opção foi construir um limiar brasileiro que paralelamente ilumina o percurso proposto por este livro e justifica o seu desfecho.

A segunda imagem, uma outra cena fundadora, é criada pela inteligência analógica ao observar, a partir de França, onde entretanto se fixou, e onde assistiu ao deflagrar das chamas de um outro colonialismo, que explodia na Guerra de Argélia e cujos estertores coincidiram com a eclosão da «rebelião africana», em 1961, em Angola. Aos rastros intuitivos da experiência imperial, Eduardo Lourenço dá uma forma concreta na passagem da década quando projecta um volume dedicado ao tema. Ficará no limbo dos livros potenciais, às vezes evocados mas em larga parte inéditos ou publicados fragmentariamente em revistas ou jornais. Aqui o que fizemos foi recompor num capítulo — o segundo capítulo deste livro — o projecto fragmentário, procurando dar conta das suas múltiplas dobras e intuições. Perceber-se-á na crítica contundente e premonitória da mitologia colonial portuguesa embriões de discursos e pensamentos a haver, como por exemplo surge posteriormente em «Psicanálise mítica do destino português», que encontra nestes textos uma inesperada, mas decisiva, premissa.

O longo caminho especulativo sobre o império e as colónias, às vezes mantido com uma escrita íntima, nem sempre orientada para uma possível divulgação, gera, na conjuntura epocal da Revolução de Portugal e das Independências africanas, uma ferramenta analítica única, e de enorme potencial crítico, para interrogar os epitáfios imperiais dentro de um labirinto ainda incógnito. A amplitude e lucidez de visão de Eduardo Lourenço nesta época crítica, que se associa à sua consa-

gração como um dos grandes intérpretes de Portugal, têm uma raiz profunda no imenso trabalho subterrâneo que definiu a sua perspectiva de exegese de Portugal, das suas derivas e destino num corpo a corpo de décadas com a questão colonial. No fragmentário, permanece o rasto da elaboração de maior alcance dos anos anteriores, reconfigurada pela forma do ensaio.

Hoje, um reflexo dos pensamentos sobre o lado obscuro, mas ao mesmo tempo ontológico do colonialismo português, projecta-se como legado vivo dos grandes temas contemporâneos que animam Eduardo Lourenço. A abordagem crítica à complexidade esfíngica da Europa continua a encobrir a necessidade de uma descolonização completa do pensamento e da imaginação hegemónicas da Europa, ou seja, da necessidade de uma efectiva descolonização da Europa da sua própria experiência colonial. Este aspecto inaugura uma perspectiva inédita sobre a Europa pós-colonial, num traço analítico que torna Portugal não uma singularidade irreduzível europeia, mas uma pequena pátria colonizadora que declinou de modo próprio, mas europeu, o seu projecto de dominação.

As heranças vivas deste pensamento compõem o último capítulo deste livro. Enquanto histórias não concluídas — heranças vivas — tornam-se difíceis de nomear ou de citar, pois ao mesmo tempo que atingem nevrálgicamente as revisões do passado — como nas reinscrições das mitologias originárias das Américas que no caso de Portugal remetem directamente para o Brasil —, abrem-no para um horizonte de interesse que não é só nacional, mas que possui o fôlego crítico que sustenta uma visão renovada e, apesar de tudo, positiva, do projecto da Europa contemporânea. Mais uma aula

magistral de que apreciamos a sua pormenorizada gestação.

Finalmente, o título do volume cita parcialmente um artigo conhecido «Do Salazarismo como nosso impensado. Divagação anacrónica ou ainda não», de 1988: as sombras fantasmáticas que se reflectem como num jogo de espelhos multiplicam a ressonância crítica e actuante do grande pensamento aqui reunido que mostra toda a sua inalterada força de conjunto. Três breves notas editoriais: ao longo do texto foi mantida a grafia original; os itálicos presentes no meio do texto representam espaços sublinhados ou especialmente destacados nos manuscritos; registam-se pequenas repetições entre textos publicados e inéditos, situação aliás referenciada em nota nos respectivos textos. Uma nota final de reconhecimento e de agradecimento à editora Gradiva, que ao longo dos anos tem divulgado e oferecido aos leitores o pensamento de Eduardo Lourenço.

Os organizadores, que têm actuado no âmbito da Cátedra Eduardo Lourenço mantida pelo Instituto da Cooperação e da Língua — Camões na Universidade de Bolonha em colaboração com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, querem expressar a sua dívida para com as pessoas que participaram na preparação deste volume: João Nuno Alçada e Mónica da Silva. O agradecimento maior vai para Eduardo Lourenço que, em todas as ocasiões de um generoso e prolongado diálogo, tem mostrado como o pensamento do mundo e dos seus impensados gera uma ética do pensar, humilde e profunda, de que sempre lhe seremos devedores.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 2014

Do colonialismo como nosso impensado

Um novo volume de ensaios de Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como Nosso Impensado*, está a chegar às livrarias, com texto editado e inéditos do grande pensador, que sempre se interessou pelo tema. Com a chancela da Gradiva, nas Obras do autor, o volume é organizado por — e tem um prefácio de — Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchio, bem como uma “nota prévia” do próprio ensaísta, intitulada “40 anos de atraso”, que aqui se antecipa

Eduardo Lourenço

A apresentação deste volume de escritos de várias épocas, conjugados pelo fio comum da reflexão sobre o colonialismo português, podia ocorrer ou com um excesso de palavras que explicasse a circunstância e o contexto onde cada texto foi pensado e redigido, ou com a forma elíptica do silêncio. Talvez esta seja a mais indicada porque não seria possível reconstruir todos os momentos, os estados de ânimo e as ideias que ao longo de tanto tempo os constituíram. Mas o que está escrito, está escrito. A melhor atitude, portanto, talvez seja a de deixar cada texto falar por si, levando a poeira que o tempo aí depositou marcando a sua passagem inexorável.

A recomposição que aqui se propõe tenta reconstruir um tema que atravessou uma parte considerável



da minha reflexão ao longo de tantos anos e tantas andanças: o colonialismo português como um caso onde Portugal se revela em toda a sua complexidade. As mitologias sobre as quais ele se articulou mostram algo

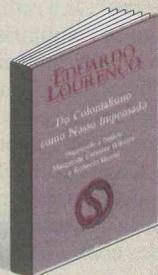
de nosso e muito profundo embora de modo indireto e não raramente mistificado: a «identidade» de um País que pela maior parte da sua história se construiu por fora, evitando assumir o seu olhar interior, o que

A permanência de um pensamento

Como Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchio (responsáveis pela cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha, de que o segundo é catedrático de Estudos Portugueses, e investigadores do CES, da Universidade de Coimbra) sublinham na sua nota editorial, a obra “reúne textos publicados e inéditos, completos e fragmentários, de EL sobre o «problema colonial» português. E salientam depois que esses textos “compõem um mosaico lúcido e coerente que, peça após peça, foi montado de modo incansável — nem sempre pensado para publicação — no arco de 50 anos e que tem continuado a projetar as suas luzes penetrantes praticamente sobre toda a obra crítica, tornando-se uma permanência no seu pensamento. Numerosas margens desta imensa reflexão eram amplamente conhecidas, em particular depois da eclosão da liberdade pós 25 de Abril, quando

algumas partes deste enorme labor, revistas, atualizadas ou refundidas, vieram à luz em volumes como *Situação africana*, ou em artigos como *Mitologia colonialista e realidade colonial*.

E prosseguem: “No entanto, aos organizadores deste livro



► Eduardo Lourenço
**DO COLONIALISMO
COMO NOSSO
IMPENSADO**

Gradiva, 350 pp, 14,5 euros

estava reservada uma surpresa: a genealogia e a seminalidade do tópico, a questão colonial, no horizonte mais vasto do filósofo e pensador.

A presente edição, orientada pelo professor, através duma lição única de inteligência crítica, humildade, lucidez e rigor, reproduz uma parte substancial dos documentos e fragmentos encontrados ao longo da investigação, sobretudo aqueles que possuem uma autonomia que não exige um aparato crítico; os demais poderão ser tratados apenas no quadro de uma edição científica. Este livro, além de comemorar o evento que o reaviva por inteiro, os 40 anos da Revolução dos Cravos, pretende restituir ao projeto este valor duplo: a genealogia que intersecta a biografia (do autor) e a história (do País e da Europa), mas também a potencialidade que possui para entendermos os futuros posicionamentos teóricos de Eduardo Lourenço perante Portugal, a Europa e os Países de língua portuguesa.” JL

ele era por dentro.

A descoberta de um tema, que mais tarde seria História, ocorreu em contextos muito diferentes que prolongaram os seus reflexos e as suas sombras pelo tempo.

Os textos, em particular escritos ou rabiscados antes do fim do Antigo Regime, nem sempre foram destinados para a publicação. Era inconcebível pensar que pudessem encontrar oportunidade naquele tempo. Parte deste material encontrou, depois de 25 de Abril, uma divulgação, outro continuou inédito na gaveta. Às vezes, pelo tom, o discurso parece assumir traços de monólogo, quase uma confissão comigo mesmo, um solilóquio sobre as contradições de um País, limiar da Europa, que encontrou nos mares o seu sonho e o seu pesadelo de grandeza. No entanto, as solicitações do presente, naquele tempo, eram tão numerosas que não me podia coibir de tomar, embora de modo solitário, uma posição antes de tudo analítica.

A paisagem muda depois de 74 (quando é publicada parte da reflexão em *Situação africana e consciência nacional* ou em artigo de revista e jornal). A questão aqui torna-se da decifração (póstuma) da perda que foi ao mesmo tempo de dimensões históricas, mas que aparentemente Portugal viveu com singular tranquilidade, como se fosse/estivesse consciente da consistência só imaginária ou onírica daquele império, embora o trauma de uma guerra silenciada permanecesse na sociedade como um trauma latente.

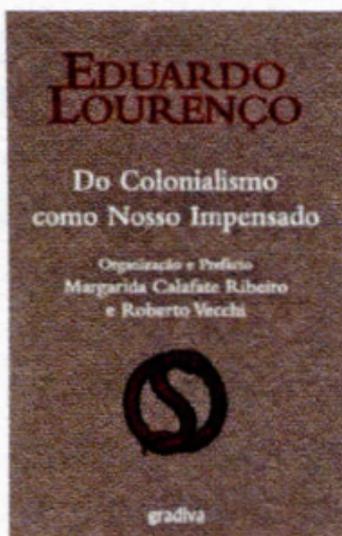
Na sociedade portuguesa o trabalho do luto, em todas suas dimensões psicanalíticas e coletivas, não foi completado, até só parcialmente começou. Contextos não centrais na cena histórica como, por exemplo, os da literatura foram o espaço onde se elaboraram as imagens mais complexas sobre o passado colonial e o fim do império. É como se uma reparação nossa (pelos dois lados de «nós») não fosse efetivamente possível. Como se não se conseguisse enterrar o cadáver, condenando-nos a falar infinitamente e pela língua da melancolia de um objeto liminar que foi e não foi, nosso e não nosso.

Talvez por isso, neste discurso que não se esvaziava, valha a pena considerar não as ruturas, mas sobretudo as continuidades que restaram do fim do império — que, no entanto, não foi o fim da sua imaginação também fantasmática — e se projetam sobre um presente que não é só singular mas é de partilha, incómoda, para toda a Europa. E que muda também o nosso olhar sobre os países que pela língua se espelham nalgumas páginas do nosso passado, como no caso mais evidente que é o do Brasil, ausência presente da nossa ressaca imperial.

Os 40 anos de atraso com que estas páginas são publicadas, ou reeditadas, não são, paradoxalmente, um anacronismo, como poderiam aparentar, mas o modo para repensar na consistência, às vezes opaca, outras vezes transparente, que o tempo nos ofereceu. JL

Do Colonialismo como Nosso Impensado

Eduardo Lourenço
(Org. e Pref. Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi)



Este volume reúne textos inéditos e publicados, em que o grande psicanalista da alma lusitana se debruça sobre essa campanha gloriosa e desgraçada que foi o colonialismo português. O principal problema do nosso colonialismo foi o de nunca se ter

assumido como colonialismo, com toda a carga de barbárie e depredação que qualquer colonialismo acarreta. Não que o nosso fosse mais bondoso ou suave, mas porque nunca tivemos os meios de outros países para o praticar sem problemas de consciência. É esse colonialismo brutal e culpado de forma brutal, patologicamente desejoso de se ver como outra coisa, da mesma forma que o País sempre se pensou com outra dimensão, que Lourenço analisa com o seu pensamento luminoso. **Gradiva**